

## PRÓLOGO.

Este é um livro que esteve em meu imaginário durante toda minha vida, porque traz as informações escritas a respeito da família de Goyos, que eu sempre busquei. Tive que escrevê-lo para, como remarcou Garcia de Resende no *Cancioneiro Geral*, deixar de depender da precariedade da memória oral. É certo que meu pai, Durval de Noronha Goyos, muito se dedicou a me trazer as informações sobre o histórico familiar, mas essas eram verbais, genéricas e não sistemáticas. Com o decurso dos anos, o passado dos ancestrais em Portugal ficou como que encoberto pelas brumas do tempo; afinal tratava-se de um período de, aproximadamente, um mil anos. As memórias dos eventos havidos após a chegada ao Brasil ficavam mais claros e se tornavam mais nítidos na medida da proximidade cronológica. Sobre este último período, havia na família uma bibliografia respeitável, além de objetos como condecorações, moedas, jóias, quadros, mapas, documentos, trastes diversos e o original de uma preciosa carta por ordem do Imperador Dom Pedro II, outorgando ao Sargento Mor José Ferreira Goyos o Hábito da Ordem de Cristo.

Sobre Portugal, no entanto, meu pai me transmitiu umas poucas informações baseadas principalmente numa coleção de moedas, que permaneceu intacta por séculos, passando de pai para filho. De tão preciosa sentimentalmente, esta coleção foi por mim depositada no cofre da agência do Banco Banorte S.A., na Avenida Faria Lima, em São Paulo, que foi objeto de um roubo cinematográfico havido por volta de 1985, o qual resultou na sua perda para sempre. O cheque representativo do valor do seguro foi me trazido em mãos, em meus escritórios, pelo constrangido presidente do banco, sabedor do valor inestimável daquilo que desaparecera.

Sobrou-me, para além das memórias da história de Portugal a mim contadas por meu pai através da numismática, o rol descritivo da coleção, que começava com moedas várias de Afonso I (1128-1185), as quais tinham

estampadas a Cruz octágona da Ordem do Hospital de São João de Jerusalém, hoje conhecida como a Cruz de Malta, se minhas recordações não me traem. As pertinentes aos reinados de Dom Sancho I (1185-1211) e as de Dom Afonso II (1211 – 1223) eram parecidas, como as de Dom Sancho II (1223-1248), de Dom Afonso III (1248-1279), de Dom Dinis (1279-1325), de Dom Afonso IV (1325-1357), Dom Pedro I (1357- 1367). A partir de Dom Fernando (1367-1387) elas mudavam de aparência.

As minhas moedas favoritas eram, no entanto, aquelas de ouro e de prata, em grande número e em tamanho maior, do reinado de Dom Manuel I (1495-1521), tendo todas estampadas a Cruz da Ordem de Cristo em destaque, segundo me lembro muito bem. Para cada rei de Portugal, meu pai me mostrava a entrada correspondente no *Diccionario Universal Illustrado*<sup>1</sup>, de Eduardo de Noronha, importante obra de pesquisa com 11 volumes, publicada há cerca de cem anos. Foi assim que eu aprendi a amar a história de Portugal e os dicionários.

Como plano desta obra, resolvi contextualizar a biografia dos homens mais notáveis da família de Goyos na história de Leão, Condado Portucalense, Reino de Portugal e Império do Brasil, num período que transcorre, aproximadamente do ano 1096 até o ano 1850; portanto, cerca de setecentos e cinquenta anos. Tratei da história das ordens religiosas militares medievais, particularmente da Ordem do Hospital de São João de Jerusalém, hoje a Ordem de Malta, e a Ordem do Templo, depois a Ordem de Cristo, na qual muitos de seus membros se destacaram nos tempos mais distantes. As vicissitudes das ordens nas Cruzadas, na formação do estado nacional de Portugal, na Reconquista, nos Descobrimentos e na época colonial do Brasil são abordadas, juntamente com o período de seu ocaso, que vai de da época pombalina até a vitória dos liberais liderados por Dom Pedro IV na guerra civil portuguesa, em 1834.

No referido período de setecentos e cinquenta anos, tratei genericamente da vinda da família de Goyos com Dom Henrique de Borgonha para o Condado Portucalense; e da participação de seus membros na

---

<sup>1</sup> Noronha, Eduardo de, *Diccionario Universal Illustrado*, 11 volumes, João Romano Torres – Editores, Lisboa, 1921.

Reconquista e na formação do estado nacional de Portugal, com atuação inclusive na Batalha de Ourique, ao lado de Dom Afonso Henriques, como abordo mais adiante nesta Obra. De forma específica, cuidei da biografia de Dom Frei Lourenço Esteves de Goyos, “o pequeno Alexandre”, herói de Portugal, Prior do Crato, mestre da Ordem do Hospital, formidável Cavaleiro e bravo guerreiro, que acompanhou o Condestável Nuno Álvares Pereira nas batalhas da guerra de independência de Portugal, com importante participação na porfia decisiva de Aljubarrota, em 1385.

Da mesma maneira, trato de Dom Frei Nuno Gonçalves de Goyos, filho de Dom Frei Lourenço de Goyos, igualmente Prior do Crato, mestre da Ordem do Hospital e formidável Cavaleiro, como seu pai. Descrevo, igualmente, as circunstâncias da participação decisiva de Dom Frei Pedro de Goyos, filho de Dom Frei Nuno e outro importante Cavaleiro hospitalário, tanto nos embates preliminares como na decisiva batalha de Alfarrobeira, em apoio à causa de Dom Afonso V a guerra civil contra uma tentativa de usurpação da Coroa portuguesa por parte do Duque de Coimbra.

Da mesma maneira, optei por também escrever uma biografia de Dom Manuel de Goyos, neto de Dom Frei Nuno, que foi Porteiro Mor (primeiro ministro) de Dom Manuel I, o Venturoso, Capitão da Mina e grande poeta medieval e renascentista português, com diversos poemas publicados no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, alguns dos quais tive o enorme prazer em reler e republicar nesta Obra, para meu deleite pessoal e, espero, também de meus leitores. Ao cobrir o período histórico de Dom Manuel de Goyos, também não resisti a citar algumas obras literárias representativas da literatura renascentista dos Descobrimentos, tanto singular quanto extraordinária pela temática, pela qualidade e pela quantidade.

Como poderá ser verificado pela vasta bibliografia de aproximadamente duzentas e trinta fontes consultadas, em português, inglês, francês, latim, espanhol e italiano, não foi um labor fácil o da tentativa de reproduzir a história da família de Goyos, já que as referências, embora existentes, estão esparsas em numerosas obras, muitas das quais centenárias, de períodos diversos. Considerando-se que o apelido Goyos com esta grafia original desapareceu de Portugal, há muitos anos, tendo sido substituído incorretamente por outros assemelhados, como Goios, Goes ou Góis,

conforme explico de maneira reiterada no texto desta Obra, as referências a um ou a outro tiveram que ser verificadas dentro do contexto histórico, caso a caso.

Optei ainda por reproduzir as diversas citações históricas ou literárias na ortografia em que foram originalmente escritas, para permitir que os leitores apreciem a beleza da língua portuguesa através dos tempos, sem que seja de forma alguma prejudicada a compreensão dos respectivos textos. Desta maneira, ainda se pode perceber há quanto tempo encontra-se historicamente sedimentada a língua portuguesa num alto patamar de qualidade, de resto não encontrado noutros idiomas europeus, notadamente o inglês, de desenvolvimento açodado e muito mais recente. Os textos pesquisados noutras línguas europeias, como o italiano, o francês, o inglês, o latim e o espanhol, foram por mim traduzidos para o português.

Este livro, que intitulei **OS MONGES GUERREIROS de GOYOS E A ORDEM DO HOSPITAL EM PORTUGAL**, ficou dividido e organizado da seguinte forma:

- 1.- este Prólogo;
- 2.- A Criação do Estado Nacional Português, As Ordens do Hospital, do Templo e de Cristo. A Reconquista e a guerra contra Castela de 1383;
- 3.- Dom Frei Lourenço Esteves de Goyos;
- 4.- Dom Frei Nuno Gonçalves de Goyos;
- 5.- Dom Manuel de Goyos; e
- 6.- Epílogo – A Extinção das Ordens Religiosas em Portugal.

Para as pesquisas necessárias à produção deste livro, percorri em Portugal muitos dos sítios onde moraram e foram protagonistas os membros da família de Goyos, incluindo Viana do Castelo, Porto, Braga, Matosinhos, Algozo, Belver, Crato, Arraiolos, Vila Viçosa, Coimbra, Lousã e Goyos em Viana do Castelo<sup>2</sup> bem como Goyos no Alentejo<sup>3</sup>, todos eles merecedores de uma

---

<sup>2</sup> Hoje denominada Goes.

<sup>3</sup> Hoje denominada Góis.

visita, pelos atrativos históricos mencionados no corpo desta Obra. No Crato, o Mosteiro Flor da Rosa destacou-se de todos os demais, pelo conjunto arquitetônico da região que foi a sede da Ordem do Hospital. No Mosteiro Flor da Rosa, restaurado de forma exemplar, existe hoje um maravilhoso hotel com serviços de altíssima qualidade, e um importante museu mantido pela Vila do Crato, com historiador residente. Apenas este sítio vale, e muito, uma visita a Portugal.

Não gosto de elencar as pessoas a quem sou devedor por colaboração nos meus livros, por temor de cometer injustiças em face das fraquezas da memória e a confusão na organização das milhares de páginas de minhas anotações, geralmente em folhas soltas, algumas das quais comidas em veemente protesto pelos meus cachorros e companheiros, Juba e Yara, quando eles concluíam que havia chegado a hora do término de minha jornada diária de trabalho nesta Obra. No entanto, o coração também tem memória e ela se chama gratidão, e esta deve ser expressa, ainda que com o risco de lamentáveis omissões, de resto totalmente involuntárias.

Assim, são muitos os agradecimentos que devo fazer com relação à produção deste livro, a começar por SAR Dom Duarte Pio, o Duque de Bragança, que foi quem mais me incentivou a escrevê-la e a quem vai ela dedicada, com amizade. Foi Dom Duarte também quem solicitou ao Engenheiro António de Mattos e Silva que me preparasse um memorando com informações sobre o apelido e brasão da família Goyos. Ao Engenheiro Mattos e Silva vão aqui igualmente os meus melhores agradecimentos, da mesma forma que aos atenciosos bibliotecários do museu do Mosteiro da Flor da Rosa e de Lousã, e às solícitas autoridades municipais do concelho de Matosinhos, onde fica o Mosteiro Leça do Bailio. Ao meu estimado amigo e confrade, Professor Doutor António de Sousa Lara, catedrático da Universidade de Lisboa e presidente da Academia de Letras e Artes de Portugal, manifesto minha gratidão pelo substancioso préfacio à Obra.

Registro ainda os meus agradecimentos ao meu amado irmão, Professor Doutor Antônio Celso de Noronha Goyos, pelo encorajamento; a Amanda Castilho, pelas belas fotografias e apoio pessoal; bem como à minha sócia portuguesa, Doutora Maria Alexandra Monteiro dos Santos, que me localizou preciosas informações e livros em Portugal, além de me ter encorajado com o

trabalho. Também em Lisboa, Portugal, o assistente Raul Lourenço proporcionou-me as condições pelas quais grande parte deste Livro viesse a ser escrito. No Brasil, André Luiz C. Fernandes e Mariana Figueiredo, da Editora da União Brasileira de Escritores – UBE, deram um formidável apoio ao desenvolvimento e finalização da Obra. O grande poeta e crítico literário brasileiro, Cláudio Willer, ex-presidente da UBE, fez a revisão do texto, pelo que lhe sou muito grato.

Num trabalho desta natureza, que trata de um vasto período da história, com arquivos e registros precários e, por vezes, contraditórios, ou ainda deliberadamente omissos, os erros e desacertos não são apenas possíveis, mas uma ocorrência até certo ponto natural, embora esta Obra tenha sido escrita com honestidade intelectual. Estes erros involuntários e eventuais são todos de minha responsabilidade exclusiva. O Livro foi escrito para o público brasileiro em geral, já que a história de Portugal foi também a nossa e sua formidável e rica herança persiste na cultura do Brasil ainda nos dias de hoje. Em especial, procurei dotar os membros da minha família no Brasil e também hoje dispersa mundo afora, como no Canadá, Inglaterra e Itália, de meios para entender as suas origens e os seus valores, mantidos com dignidade através dos tempos.

Lisboa, 28 de julho de 2018,

Durval de Noronha Goyos Júnior